

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

MILENA CACAU DE CARVALHO

PATRIOTAS, MÃES E ESPOSAS: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DAS  
MULHERES NOS PERIÓDICOS ESTUDANTIS EM SÃO PAULO (1889-1930)

Guarulhos

2021

MILENA CACAU DE CARVALHO

PATRIOTAS, MÃES E ESPOSAS: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DAS  
MULHERES NOS PERIÓDICOS ESTUDANTIS EM SÃO PAULO (1889-1930)

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
São Paulo como requisito parcial para  
obtenção do grau em Licenciada em  
Pedagogia. Orientadora: Dra. Renata  
Marcílio Cândido

Guarulhos

2021

Cacau de Carvalho, Milena

Patriotas, mães e esposas: um estudo da representação das mulheres nos periódicos estudantis em São Paulo (1889-1930) / Milena Cacau de Carvalho – Guarulhos, 2021.

43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2021.

Orientadora: Rena Marcílio Cândido.

Título em inglês: Patriots, mothers and wives: a study of the representation of women in student journals in São Paulo (1889-1930).

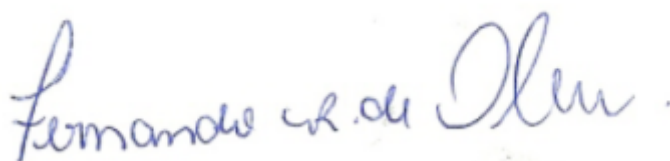
1. História das estudantes 2. Associações e grêmios estudantis 3. Periódicos educacionais I. Marcílio Cândido, Renata. II Título.

MILENA CACAU DE CARVALHO

PATRIOTAS, MÃES E ESPOSAS: UM ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DAS  
MULHERES NOS PERIÓDICOS ESTUDANTIS EM SÃO PAULO (1889-1930)

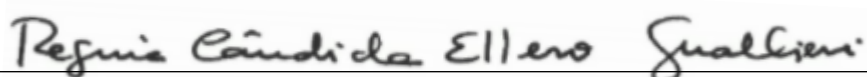
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
São Paulo como requisito parcial para  
obtenção do grau em Licenciada em  
Pedagogia.

Aprovado em: Março de 2021



---

Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira  
Universidade Federal de São Paulo



---

Profa. Dra. Regina Cândida Ellero Gualtieri  
Universidade Federal de São Paulo

## RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de pesquisas realizada sobre a participação das mulheres nas organizações estudantis do ensino superior e profissionalizante no Estado de São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XX. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi feito o levantamento dos periódicos produzidos por estes órgãos/associações, em seguida, empreendeu-se a análise temática destes documentos buscando identificar a participação das mulheres nestes colegiados, tanto de forma ativa assumindo cargos e autoria de textos, quanto de maneira indireta, sendo citadas nos artigos e na própria existência de “colunas femininas”. Deste modo, através das fontes documentais e bibliográficas, foi possível estabelecer três categorias para a elaboração da análise dos periódicos publicados por estudantes: 1) textos produzidos pelas mulheres 2) textos destinados às mulheres e 3) textos produzidos sobre as mulheres, mas não necessariamente destinados a elas. Percebe-se que ao mesmo tempo em que as organizações estudantis eram incorporadas ao discurso de consolidação de espaços democráticos que ascendiam no contexto histórico e social, foram também palco de reproduções de valores e identidades ditas masculinas e/ou femininas.

Palavras-chaves: história das estudantes, associações e grêmios estudantis, periódicos educacionais.

## **ABSTRACT**

This paper presents the results of researches carried out on the participation of women in student organizations of higher and professional education in the State of São Paulo between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. For the development of this research, a survey was made of the periodicals produced by these bodies / associations, then, the thematic analysis of these documents was undertaken, seeking to identify the participation of women in these collegiate bodies, both actively assuming positions and authoring texts, as in an indirect way, being cited in the articles and in the very existence of "female columns". Thus, through documentary and bibliographic sources, it was possible to establish three categories of analysis: 1) texts produced by women 2) texts produced about women 3) texts produced by women, but not necessarily intended for them. It can be seen that at the same time that student organizations were incorporated into the discourse of consolidating democratic spaces that ascended in the historical and social context, they were also the stage for reproductions of so-called male and / or female values and identities.

Keywords: history of students, student associations and unions, educational journals.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AESP** - Arquivo do Estado de São Paulo

**BND** - Biblioteca Nacional Digital

**BAAAM** - Boletim da Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie

## SUMÁRIO

Introdução .....	9
A mulher, a esfera pública e os grêmios e associações estudantis .....	11
Dos modos de produção da pesquisa: as estudantes nas páginas das revistas.....	16
“Isto é que é mulher!”: características do imaginário feminino nos artigos sobre as mulheres.....	26
A Mãe, a Esposa e a Patriota: representações da figura feminina nos textos produzidos pelas mulheres .....	30
Dicas de beleza e culinária da “Vovozinha” nos textos produzidos para as mulheres .....	35
Considerações finais .....	38
Referências .....	41



## Introdução

Este trabalho tem como objetivo expandir as análises desenvolvidas em duas pesquisas em nível de Iniciação Científica subsidiadas pelo CNPq<sup>1</sup> que se iniciaram em agosto de 2017 e buscaram investigar a presença e a participação das mulheres nas organizações estudantis ginasiais e de ensino superior, normal e profissionalizante no Estado de São Paulo entre os séculos XIX e XX por meio da análise de periódicos produzidos por tais organizações naquele contexto.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se primeiro o levantamento dos periódicos (folhetins, revistas e publicações) produzidos por estes órgãos/associações, em seguida empreendeu-se a análise temática destes documentos buscando identificar a participação das mulheres nestes colegiados, tanto de forma ativa assumindo cargos e autoria de textos, quanto de maneira indireta, sendo citadas nos artigos e colunas.

Com isso, objetivamos traçar um panorama histórico acerca da emergência feminina na esfera pública, a participação feminina na organização dos colegiados estudantis, as representações de mulher presentes em tais fontes, assim como os sentidos atribuídos à presença feminina no contexto escolar e de organização estudantil.

Neste sentido, o trabalho aqui apresentado pretende retomar de forma relacionada à participação das mulheres nos órgãos colegiados estudantis as discussões históricas e sociais elaboradas acerca dos papéis de gênero atribuídos às mulheres entre o final do século XIX e o início do século XX. Acreditamos, portanto, que estudar a atuação feminina nos grêmios estudantis nos permite compreender, não

---

<sup>1</sup> “A voz feminina nos grêmios: um estudo da participação das mulheres nas organizações estudantis (século XX)” – Iniciação Científica com vigência entre Agosto de 2017 e Julho de 2018.  
“A voz feminina nos grêmios: um estudo da participação das mulheres nas organizações estudantis do ensino superior de São Paulo (1889-1930)” – Iniciação Científica com vigência entre Agosto de 2018 e Julho de 2019.

somente, a atuação feminina no âmbito educacional, mas também como essa atuação caminhou de mãos dadas aos discursos e processos nacionais naquele contexto.

Para concretizar tal objetivo deu-se ênfase aos periódicos educacionais como fontes de pesquisa, assim como a análise da presença feminina em tais organizações e as atividades realizadas ou destinadas às mulheres naquele contexto.

## **A mulher, a esfera pública e os grêmios e associações estudantis**

A emersão civil da mulher no Brasil ganhou visibilidade entre a virada do século XIX para o século XX e teve como grande fator influenciador a instauração da Primeira República e, por consequência, os movimentos políticos e sociais que ansiavam pela “[...] (re)construção da nação, então forjada pelo progresso e pela ordem”. O discurso oficial deixava patente a necessidade de construir uma “imagem do país que afastasse seu caráter marcadamente colonial, atrasado, inculto e primitivo” (LOURO, 2004, p. 371). Cabe destacar que de acordo com Chartier (1990), as representações sociais são construídas com aspiração à universalidade, mas, na verdade cumprem interesses particulares dos grupos que as forjam, por este motivo as percepções do social não são discursos neutros, mas são textos que produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990).

Segundo Louro (2004), o Brasil caminhava para o século XX e, apesar das medidas tomadas pelo Império ao longo do século XIX, grande parte da população continuava analfabeta. Neste processo, o analfabetismo foi situado como marca da inaptidão para o progresso e “erigido como inimigo maior a ser vencido pela sociedade brasileira, tendo motivado um verdadeiro combate cívico, conduzido, por exemplo, no horizonte mais amplo das ligas nacionalistas, criadas durante a década de 1910” (SCHUELER; MAGALDI, 2009, p. 46). As movimentações em torno da modernização do país apresentavam de forma recorrente a escola como caminho para transformação do homem comum. Deste modo, os reformadores republicanos projetavam na educação a chave para solucionar os “problemas” nacionais e alcançar o progresso da nação.

Proclamada a República, a escola foi, no Estado de São Paulo, o emblema da instauração da nova ordem, o sinal da diferença que se pretendia instituir entre um passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso. (CARVALHO, 2003, p. 23)

Cabe lembrar que as primeiras iniciativas do Estado dirigidas à instrução pública remontam ao início do Brasil Imperial, por exemplo, por meio do decreto de Lei de 15 de outubro de 1827 outorgado por Dom Pedro I, que regulamentava a instrução nas províncias do Império. A lei tratou do aumento da criação de escolas de primeiras letras, do levantamento do número de escolas existentes nas províncias, da remuneração e admissão de professores, do currículo mútuo e das escolas para as meninas (ZICHIA, 2008). Tais movimentações relacionadas ao interesse pela instrução pública e a difusão do ensino mútuo refletem, como escrevem Trindade e Menezes (2009), os processos de transformação social e cultural que atingiram os países do Ocidente entre os séculos XIX e XX: “[...] estava fincada a ideia da necessidade de alargar as possibilidades de acesso a um número cada vez maior de pessoas às instituições educacionais e às práticas civilizatórias” (TRINDADE; MENEZES, 2009, p. 129).

No Império, o acesso feminino à escolarização a partir das escolas de primeiras letras e ao mercado de trabalho formal por meio do magistério significaram, segundo Rabelo, Costa e Martins (2015, p.3) um grande “[...] passo para a emancipação feminina no processo educativo e no espaço público”, ainda que de acordo com a lógica patriarcal e maternal. Não havia “por meio das elites educacionais uma preocupação com a instrução profissionalizante da mulher” (*idem*, p.3). A educação das primeiras letras, fornecida pelo Estado, foi posta como requisito à modernização. Nela, como apontam Lajolo e Zilberman (2001), à ascensão da mulher - tanto como professora, quanto aluna - se conferia como instrumento para a consolidação das políticas sociais: “A escola seria consolidada como segundo lar, e a professora, caracterizada pelo ‘instinto’ maternal, seria tão doce e severa tal qual na educação de seus próprios filhos.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 836).

[...] a educação feminina acompanhava o movimento da lógica estabelecida das mulheres que deveriam tornar-se: boas esposas/mães educadoras formadoras de futuros cidadãos. E como professoras essas mulheres teriam a possibilidade de se inserirem no espaço público. (RABELO; COSTA. MARTINS, p.2)

Quanto ao currículo, este refletia o que se esperava socialmente - baseando-se na moral cristã - dos homens e das mulheres. Ou seja, além de instruir tecnicamente, cabia à escola fornecer a educação moral e religiosa. Para os meninos, ensinados por professores homens, o artigo 6º do decreto de 1827 definiu para o currículo o ensino

da leitura, da escrita, das operações aritméticas, das nações, da geometria, da gramática, e os princípios da moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana. Para as meninas, ensinadas por “mestras”, definiu-se um currículo semelhante, sem os conteúdos da geometria e a inclusão de matérias relacionadas às tarefas domésticas (FILHO, 2016, p. 66).

A partir da proclamação da República, o papel das mulheres no mercado de trabalho continuou a se transformar e sua presença na área da educação passou a ser predominante. Segundo Louro (2004): “[...] esse movimento daria origem a uma ‘feminização do magistério’ – também observado em outros países, fato provavelmente vinculado ao processo de urbanização e industrialização que ampliava as oportunidades de trabalho para os homens” (p. 376). Entretanto, a inserção feminina no magistério foi acompanhada de críticas e práticas que sempre entendiam as mulheres como naturalmente maternais e, nesse sentido, tais “aspectos maternais”<sup>2</sup> contribuíram para a consolidação da ideia de que essa profissão seria, sobretudo, melhor desempenhada por mulheres.

Tal ideal abarcava conceitos que atribuíam à mulher uma espécie de “instinto maternal”, perfeita para os deveres domésticos. Desse modo, para além do magistério, as mulheres passaram a ser vistas como competentes apenas para uma espécie de “[...] ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe” (LOURO, 2004, p. 379). Neste sentido, outras profissões além do magistério passaram a ser “próprias” para as mulheres, como por exemplo, a enfermagem. Assim, os trabalhos profissionais dos quais as mulheres se ocupavam nesse final de século XIX eram os quais demandavam certas “[...] características femininas de cuidado, sensibilidade, amor, vigilância, etc.” (LOURO, 2004, p. 379) e que, posteriormente, foram se diversificando para outras áreas,

---

<sup>2</sup> Pedagogistas como Rousseau, Froebel e Pestalozzi, para citar alguns, assinalam em seus estudos, de forma mais ou menos incisiva, a relevância de se entregar a educação das crianças bem pequenas às mulheres, que imbuídas dos seus instintos maternais, realizariam uma atividade educativa mais amorosa, suave, efetiva e menos rigorosa se comparadas aos homens. Tratava-se da organização de um novo discurso sobre o método e as práticas de ensino associadas ao processo de feminização do magistério. (CHÂTEAU, 1978).

A educação feminina ganhou então a cobertura necessária para a sua entrada sem volta para o mundo público, não somente como respostas às necessidades criadas com o capitalismo e a república brasileira, mas, sobretudo como forma questionadora de seu papel enquanto cidadã e agente histórico, capaz de revelar suas próprias inquietações além do privado (RABELO; COSTA e MARTINS, 2015, p. 4).

Percebe-se que, ao longo da história, as instituições escolares vivenciaram constantes modificações e adequações diante dos processos e necessidades civilizatórias impulsionadas pela modernização e pelo “progresso nacional”. Dentre as adequações se encontraram as mudanças provocadas pelas transformações relacionadas às representações de gênero na sociedade que, por conseguinte, refletiram diretamente na escola:

[...] a história da educação das mulheres foi marcada pela exclusão e, posteriormente (bem recentemente), pela inclusão com segregação. Elas só conquistaram o direito à educação com a instituição da escolarização compulsória, no século XIX, mas foram incluídas em escolas, classes, ramos do ensino ou áreas curriculares separadas – caneta para os meninos, agulha para as meninas. No século XX, generalizou-se a co-educação no sistema público de educação básica de muitos países ocidentais e, finalmente, com a luta feminista pela igualdade dos sexos, desapareceram as barreiras formais ao acesso das mulheres a quaisquer cursos superiores, porém persistem trajetórias diferenciadas por sexo e gênero na educação profissional e superior, e no mercado de trabalho. (CARVALHO, 2010, p. 238)

Segundo Louro (1997), as práticas escolares, entendidas por nós como todas as ações relacionadas à *cultura escolar*, ou seja, os saberes e o saber fazer, hábitos e atitudes que não pertencem propriamente a escola ou as pessoas da escola, mas que ultrapassam a formalidade do sistema de ensino, podem ser compreendidas em um processo “generificado”, ou seja, como uma prática social que é constituída e constituinte dos gêneros. Desta forma, baseando-se na autora, entendemos o “processo de generificação” como uma construção social feita sobre as diferenças sexuais. Portanto, percebe-se a escola,

[...] como um espaço social que foi se tornando, historicamente, nas sociedades urbanas ocidentais, um lócus privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres é, ela própria, um espaço generificado, isto é, um espaço atravessado pelas representações de gênero. (idem, p. 77)

Os grêmios escolares fazem parte da cultura escolar que ultrapassa o sistema de ensino e seus programas curriculares e, de acordo com Perrenoud (1995), ao

serem implementados nas instituições de ensino, ganham contornos particulares capazes de indicar o lugar ocupado pela escola e seus ensinamentos em um determinado contexto político e social. Desta forma, o estudo dos grêmios estudantis, de sua genealogia e das práticas dos estudantes em seu âmbito se beneficia do conceito de *cultura escolar* como possibilidade de investigação das instituições de ensino pela análise das representações e dos conteúdos ensinados e das práticas escolares, além de possibilitar a compreensão do contexto cultural da época e do local em que a instituição de ensino está inserida. Concebidos dessa forma, os grêmios estudantis são capazes de formar e conformar práticas sociais que refletem as condutas políticas do espaço em que está inserido. Ao tratar da atuação e participação das mulheres nas organizações estudantis a partir do estudo histórico da emergência feminina no contexto cível, no mercado de trabalho é possível compreender, de forma vinculada, o processo de *dominação masculina*<sup>3</sup> e de *generificação*.

---

<sup>3</sup> BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 4ª ed., 2017.

## **Dos modos de produção da pesquisa: as estudantes nas páginas das revistas**

Com o objetivo de compreender qual representação de mulher, estudante, profissional e cidadã estava sendo forjada no contexto social do final do século XIX e início do XX, empreendeu-se em um primeiro momento da investigação o levantamento dos periódicos (folhetins, revistas e publicações) produzidos pelos órgãos e associações discentes para, em seguida, selecionarmos àqueles que melhor se relacionariam com o enfoque do estudo. O levantamento inicial foi feito por meio da consulta ao catálogo organizado pelas autoras Denice Catani e Cynthia Souza (1999) e intitulado “Imprensa Periódica Educacional Paulista (1890 – 1996)” e ao catálogo organizado pela autora Heloísa Faria Cruz (1997) e intitulado “São Paulo Em Revista: Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana (1870 – 1930)”. Além da utilização dos catálogos citados, consultamos os acervos de periódicos digitais: Repositório Digital do Arquivo do Estado de São Paulo (AESP) e Biblioteca Nacional Digital (BND) e conversamos também com funcionários responsáveis pela manutenção e organização dos três acervos físicos visitados no decorrer da pesquisa (Hemeroteca, Arquivo do Estado de São Paulo e Biblioteca Mario de Andrade, todas em São Paulo) em busca de mais documentos pertinentes à pesquisa.

De acordo com Catani e Bastos (1997), a imprensa pedagógica constitui-se um instrumento de fundamental importância para a análise da escola, da profissão docente e dos elementos constituintes dos processos educativos, sendo considerada um *corpus* documental de amplas dimensões, um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional:

[...] jornais, boletins, revistas, magazines – feitas por professores para professores, feitas para alunos por seus pares ou professores, feitas pelo Estado ou outras instituições como sindicatos, partidos políticos, associações de classe, Igrejas – contêm e oferecem muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, além das práticas educativas e escolares(...). É um excelente observatório, uma fotografia da ideologia que preside. Nessa perspectiva, é um guia prático do cotidiano educacional e escolar, permitindo ao pesquisador



estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou de um grupo social a partir da análise do discurso veiculado e da ressonância dos temas debatidos, dentro e fora do universo escolar (CATANI; BASTOS, 1997, p. 2).

Desta forma, a imprensa pedagógica possibilita ao pesquisador a análise e reflexão das experiências, opiniões e expectativas dos diversos atores, bem como da comunidade externa à instituição de ensino, seus valores e preceitos. Portanto, a utilização de produções estudantis como fonte de estudo para objetos relacionados à educação, nos fornece informações tanto sobre a cultura da escola como também dos vestígios e das representações sobre as práticas cotidianas dos sujeitos que a constituem.

[...] é preciso refletir sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como um espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. Como expressão de relações sociais, a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõem em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa. (MACIEL, 2004, p. 15 *apud* FRAGA, 2012, p.21)

Considerando o potencial da imprensa periódica educacional para o tratamento do tema escolhido para análise, a participação feminina nos grêmios estudantis, selecionamos a partir do levantamento nos acervos 35 periódicos de organizações escolares relacionadas aos estudantes de instituições escolares ginasiais e de instituições de ensino superior ou profissionalizante do estado de São Paulo.

Por conta da profusão de documentos encontrados e pela necessidade de desenvolvermos melhor as análises relacionadas à pesquisa, o primeiro ano de pesquisa consistiu na análise de periódicos escritos por estudantes ginasiais ou periódicos de órgãos compostos por estudantes ginasiais e no segundo ano nos detivemos à busca e análise dos periódicos escritos por órgãos estudantis de instituições superiores, de ensino profissionalizante ou normal.

A sistematização dos títulos – 21 sendo de estudantes ginasiais e 14 de estudantes de ensino superior, normal ou profissionalizante – encontra-se nas tabelas abaixo:

Tabela 1 – Periódicos de estudantes ginasiais

TÍTULO	DESCRIÇÃO
Alvorada, A (1909)	Orgão Grêmio Literário dos alunos do Ginásio Sílvio de Almeida
Alvorada (1928)	Revista do Collegio Paulista
Aprendiz, O (1902-1903)	Orgam litterario do Hydecroft College
Aspirante, O (1889)	Publicação dos alunos do Externato Santo Antônio
Atheneu Paulista, O (1894)	Publicação dos alunos do Atheneu Paulista
Aurora, A (1903)	Orgam dos Alunos do Instituto Silvio de Almeida
Beija-flor, O (1899)	Orgam da Escola Modelo Prudente de Moraes
Certamen, O (1908)	Orgam do Gymnasio Anglo Brasileiro
Condor, O (1903)	Publicação produzida pelo Gymnasio Diocesano
Escola, A (1904)	Orgam dos Alumnos da Escola Maçonica Eduardo Vautier
Estudo, O (1920-1929)	Revista de Educação e Ensino Orgão dos Alumnos do Gymnasio Anglo-Latino Orgão dos Corpos Docente e Discente do Gymnasio Anglo Latino
Gymnasial, O (1909)	Orgam dos Gymnasianos de São Paulo
Idea, A (1910)	Órgão humorístico, literário e noticioso dos almnos do Gymnasio Macedo
Instituto, O (1903)	Órgao officioso do Instituto de Sciencias e Letras do Gymasio de São Paulo
Jurity, A (1904)	Publicação das alunas do 2º ano da Escola Complementar Caetano Campos
Libertas (1902)	Jornal literário e noticioso feito por um grupo de estudantes do Instituto de Ciências e Letras
Lyceu (1916)	Annuario do Lyceu Salesiano do Sagrado Coração de Jesus
Pátria! (1905)	Orgam do Gremio de Lettras "Ruy Barboza"
Patriota, O (1899)	Orgam do gremio litterario Alvares de Azevedo do Instituto de Ciências e Letras
Porvir, O (1902)	Orgam dos alumnos externos do Instituto de Sciencias e Letras
Verruma, A (1915)	Orgam Critico e Humoristico do Primeiro Anno do Gymnasio do Estado

Tabela 2 - Periódicos de estudantes de instituições superiores

TÍTULO	DESCRIÇÃO
Acadêmico, O (1911)	Orgam Scientifico e Litterario dos alunos da Faculdade de Direito de São Paulo
Bomba, A (1908)	Publicação dos alunos da Faculdade de Direito de São Paulo
Crysol, O (1904)	Jornal da Associação do Caloiros Normalistas
Época, A (1903)	Orgam do Circulo Jurídico Acadêmico (Faculdade de Direito do Largo São Francisco)
Estimulo, O (1907 - 1911)	Revista Literaria da Escola Normal
Estimulo, O (1914)	Revista do Grêmio Normalista 2 de Agosto
Fanfarra, A (1911 - 1912)	Folha publicada pelos alunos da Faculdade de Direito São Francisco
Jornal do Aprendiz (1911)	Publicação Official da Escola de Aprendizes Artifices de S. Paulo
Nevoas (1903)	Revista Literaria publicada pelo Centro Normalista
Onze de Agosto, O (1903 - 1914)	Orgão do Centro Acadêmico Onze de Agosto da Faculdade de Direito de São Paulo
Periódico, O (1911)	Mensario da Escola de Odontologia de São Paulo
Pharol, O (1906)	Orgam Imparcial de um Grupo de Alumnos da Escola de Comércio de São Paulo
Progresso, O (1903)	Revista Litteraria e Scientifica dos Estudantes do "Mackenzie College"
Revista Polytecnic (1904 - 1930)	Orgam do Gremio Polythecnico

Após o levantamento preliminar dos periódicos empreendemos a sistematização dos dados encontrados e a construção das categorias de análise (CATANI, 1997) a partir dos temas recorrentes dos artigos das revistas que considerou três características principais: 1) conteúdos produzidos sobre as mulheres 2) conteúdos produzidos pelas mulheres, mas não necessariamente destinados a elas e 3) conteúdos destinados às mulheres. A partir do estudo das temáticas recorrentes e das categorias de análises criadas foi possível perceber a existência de duas formas recorrentes sobre como as mulheres eram retratadas nessas publicações. Na primeira categoria, prevalecem crônicas e piadas escritas por homens, mas também narrações de acontecimentos reais do cotidiano dos redatores dos periódicos. Destaca-se a construção de uma imagem de mulher como sendo inferior ao homem em artigos nos quais eram caracterizadas como fofaqueiras; faladeiras; preguiçosas; donas de casa; assanhadas, caso retribuíssem uma paquera; ou ingratas, caso as recusasse. Já na

segunda categoria, textos produzidos pelas mulheres, destacam-se o patriotismo e o civismo, temas recorrentes em grande parte dos periódicos analisados, assim como os textos literários, como poesias e crônicas que tratam do comportamento e das características femininas.

Dos 35 periódicos encontrados, 26 apresentaram conteúdos que se relacionavam com as categorias de análise estabelecidas. Destes, selecionamos para análise neste artigo dez periódicos escritos por estudantes ginasiais do Estado de São Paulo entre a virada do século XIX e o início do século XX, a saber: *O Estudo* (1920-1933), *O Aspirante* (1889), *O Porvir* (1902), *A Jurity* (1904), *Idea* (1910), *A Aurora* (1903), *Libertas* (1902), *A Alvorada* (1909), *O Beija-flor* (1899) e *O Condor* (1903). E quatro periódicos escritos por estudantes e órgãos do ensino superior ou profissionalizante: *O Academico* (1903), *O Onze de Agosto* (1910), *O Estímulo* (1914) e *Névoas* (1903), cobrindo, desse modo, todo o período e os níveis de ensino cuja presença feminina emergia naquele contexto social e histórico.

Além destes, retomaremos alguns textos e colunas de outro periódico relacionado aos movimentos estudantis do início do século XX, mas que não foram escritos por órgãos oficiais de institutos, como era o caso do “*Boletim da Associação dos Antigos Alunos de Engenharia do Mackenzie*” (1934-1943).

Para a exposição dos conteúdos neste trabalho, utilizaremos a grafia original da época.

Tabela 3 – Sistematização de conteúdos

	Sobre						Por					Para	
	Cotidiano	Relações	Humor	Ideal feminino	n.c.	Político	Amizade	Amor	n.c.	Mãe/esposa	Político	Político	Ideal
Acadêmico, O	-						-					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alvorada, A	3						2					-	
	1	1	-	1	1	-	1	1	-	1	1	-	1
Alvorada	-						-					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aprendiz, O	-						-					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aspirante, O	2						-					-	
	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Atheneu Paulista, O	-						-					-	

	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aurora, A	1						-					-	
	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Beija-flor, O	1						-					-	
	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-
Boletim da Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie	-						-					1	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	coluna fixa	
Bomba, A	-						-					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Certamen, O	3						-					-	
	-	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Condor, O	5						-					-	
	-	-	4	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Crysol, O	-						1 (para também)					1	
	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-
Época, A	1						-					-	
	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Escola, A	1						1					-	
	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-

Estimulo, O (1907)	2						12					-	
	-	1	-	-	-	1	-	1	6	3	2	-	-
Estimulo, O (1914)	3						2					-	
	-	-	-	1	2	-	-	-	2	-	-	-	-
Estudo, O	3						2					-	
	-	1	-	2	-	-	-	-	-	2	-	-	-
Fanfarra, A	4						-					-	
	-	3	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Gymnasial, O	2						-					-	
	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Idea, A	9						5					-	
	-	1	-	7	1	-	-	1	3	-	1	-	-
Instituto, O	1						-					-	
	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jornal do aprendiz	-						-					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jurity, A	-						21					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	19	1	1	-	-
Libertas	3						-					-	

	-	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Lyceu	-						-					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Nevoas	-						2					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-
Onze de agosto	7						-					-	
	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pátria!	-						-					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Patriota, O	3						-					1	
	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Periódico, O	-						5					-	
	-	-	-	-	-	-	1	2	1	1	-	-	-
Pharol, O	-						-					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Porvir, O	7						-					-	
	-	3	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Progresso, O	2						-					-	
	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-



Revista Politécnica	-						-					-	
	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Verruma, A	2						-					-	
	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-

## **“Isto é que é mulher!”: características do imaginário feminino nos artigos sobre as mulheres**

Na categoria de conteúdos escritos *sobre* as mulheres, mas não necessariamente destinados a elas, foram encontrados 74 registros que abordam a figura feminina a partir de crônicas, artigos, piadas, narrativas de acontecimentos cotidianos poemas e contos de amor ou desilusões, dos quais apenas seis não retratam a imagem da mulher sobre a ótica do processo que corresponde à educação baseada na inculcação e incorporação das estruturas de dominação do masculino sobre o feminino. Trinta e dois dos conteúdos *sobre* as mulheres abordam, de alguma maneira, a caracterização da figura feminina a partir dos moldes de gênero, sendo representadas geralmente nos mesmos papéis sociais - mães, esposas e donas de casa -, e descritas sempre aos moldes da “feminilidade” – atraentes, gentis, amáveis, bonitas, vaidosas, quietas, tímidas, entre outras.

Em “Scismando” (*O CONDOR*, 1902, n° 1, p. 1-2), por exemplo, publicado pelo *Orgam do Gymasio Diocesano*, o autor narra que em meio a uma situação de conflito interno, ao lembrar de um passado feliz em “face d'um presente semeado de desenganos, ensopado de lagrimas e rendillindos pelos gemidos do martyrio”, ele percebe a imagem “consoladora”<sup>4</sup> de sua “carinhosa mãe”, mostrando através da “figura rosea dos seus lábios, o desabrolhar d'um sorriso tão puro como a flor de nenuphar, aviventada pelos ósculos da aurora”, que revivificou seu coração. Ao descrever essa lembrança, o autor utiliza apenas adjetivos que definem a figura de sua mãe como alguém caridosa, pura e delicada, capaz de sarar todos os sentimentos ruins que lhe afligiam.

De acordo com Bourdieu (2017, p. 110) “uma das estratégias do homem infeliz é fazer-se de criança para despertar as tendências de compaixão maternal que são, por definição, exigidas das mulheres” de modo que muitas vezes:

---

<sup>4</sup> Nas citações diretas de excertos do período histórico em questão, optou-se por manter a grafia das palavras da época.

[...] as mulheres preenchem uma função catártica e quase que terapêutica de equilíbrio da vida emocional dos homens, acalmando sua cólera, ajudando-os a aceitar as injustiças ou as dificuldades da vida. (*idem*, p.110).

Já no texto “Isto é que é mulher!” (*A AURORA*, 1903, n°2, p. 3), o autor falar de Augusta Verron, uma senhora formosa e rica que ao longo de sua vida casou-se 15 vezes, mas não tinha filhos. O tempo todo o texto exalta a beleza e a graça de Augusta, mas a julga ser estéril e lamenta: “se todas fossem assim... que seria do mundo?”. Mais uma vez vinculando a função maternal como dever de toda mulher, mesmo as consideradas “independentes” e livres.

A sessão “Pensamentos” (*LIBERTAS*, 1902, n° 1, p.4) do órgão do *Instituto de Ciencias e Letras do Gymnasio de S. Paulo*, apresenta em seus artigos duas analogias com a figura feminina como tema principal e abordam justamente sua imagem associada aos ideais do amor e da generosidade: “A religião é a poesia da inteligência; a mulher é a poesia do coração”, contrapondo-a da figura masculina representada por sua grandeza e inteligência:

Os homens arrastam-se pelas paixões femininas, e os governos pelas paixões políticas; estas aniquilam as leis e infelicitam um povo, enquanto que aquellas elevam a grandesa do homem; e aninham em seu coração todos os principios nobres e generosos; logo, é preferivel ser adepto de um coração de mulher, do que d'um governo supremo. (*idem*, p.4)

Ainda no mesmo periódico, foi publicado um conto que narra a história de três inseparáveis irmãs e as descreve - seus traços angelicais, seus belos cabelos, e seus jeitos dóceis e amáveis – construindo para cada uma delas uma representação do conceito de “feminilidade” e, no final do conto percebe-se que as três irmãs são analogias para os conceitos de fé, de esperança e de caridade.

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, [...] elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se esperam que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos

homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser (BOURDIEU, 2017, p. 96).

Outros conteúdos sistematizados referem-se às paixões, relações românticas, e desilusões masculinas sobre seus amores. No caso das paixões, as figuras femininas são mais uma vez descritas a partir do ideal de feminilidade, já no caso de términos ou paixões não recíprocas, são colocadas como ingratas e não merecedoras do amor. Ao narrarem os casos de amor e paixão, a ênfase está na construção e na idealização da beleza da figura feminina. Em “Amor fatal” (*O Aspirante*, 1889, nº11, p. 4), o autor narra a história de Luiz, rapaz que em um baile se encantou por uma “donzela formosíssima” e declarou sentir “um amor sincero que podia trazer a felicidade de ambos”, mas ela o rejeitou. Descontente, Luiz é devorado por uma febre e agoniza até a morte, exclamando até o último suspiro como a moça por quem se apaixonou era ingrata.

Em “Martyrio” (*O CONDOR*, 1903, p. 3), ao falar sobre a dor da morte de seu grande amor, “Esther”, o autor a designa como “a virgem”, e a define como “o prototipo vivo da formozura e do amor”, “a mulher ideal”, que lhe amou em todas as situações e circunstâncias e lhe serviu de alento em todas as aflições. Ao longo de todo o texto, ainda que lamentando saudosamente sua morte, a mulher referida pelo autor é caracterizada apenas por sua virgindade, sua fragilidade, sua beleza e sua bondade.

A sexualização da figura feminina acontece inclusive com uma criança em uma “poesia romântica” publicada pelo jornal do *Orgam do Centro Academico Onze de Agosto*, veiculado pelos alunos da Faculdade de Direito de São Paulo:

Quando eu a conheci ella era ainda  
uma criança apenas, meiga e bella  
e achei-a tão mimosa, terna e linda  
que eu fiquei com os olhos postos nella

Como me lembra o seu olhar, a infinda  
meiguice dessa voz que amor revela,  
e o gracil riso com quem mais se alinda  
a suave expressão do rosto della

Quantas vezes a vi correr, brincando,  
á doce luz da tarde que morria, cabellos soltos, entre alegre bando

E inda conservo inteiras na retina suas feições gentis e-ó, phantasia!  
o seu vestido curto de menina...  
(*ONZE DE AGOSTO*, 1910 Anno VIII nº2 p. 26).

As mulheres também são evidenciadas algumas poucas vezes nos âmbitos público e político. Em *O Beija-flor*, três textos narram a trajetória do novo diretor, Pedro Voss, que ocupou “dignamente” o cargo após a exoneração da antiga diretora Miss Márcia P. Browne e agradecem intensamente ao diretor por sua atuação. Em seguida, após parabenizar o novo diretor, o jornal conta um pouco sobre a história da escola, sempre elevando a personalidade das figuras masculinas que fizeram parte dela. Em contrapartida, ao abordar a nomeação da primeira diretora da escola, Miss Márcia P. Browne, relatam apenas a ajuda recebida pela mesma pelos professores da instituição durante o quase um ano em que foi diretora. (*O BEIJA-FLOR*, 1899, anno I, n° 4, p. 1-2).

Cabe destacar ainda, nos conteúdos dos textos produzidos sobre as mulheres, os conteúdos de humor (colunas ou “piadas”) envolvendo a figura feminina. Nestas piadas, a “graça” estava em colocar as mulheres como “tolas/não inteligentes”. Na seção humorística de *O Porvir* (1902, n°14, p.3) uma das piadas narra um diálogo entre um homem que em visita a uma casa percebe uma aranha na parede e questiona se a dona da casa sabia o que aquilo significava ao que a mulher logo responde “Aranha a tarde? Esperança?” e o homem responde ser “falta de vassoura”. Em outra piada, narra-se o diálogo entre uma mulher e seu marido, no qual ele a corrige por dizer “fatias de pães” e ela responde saber que não são “pães”, mas sim “pões” (*idem*, 1902, n°1, p.2), persistindo no erro. Há também um diálogo sobre a criação do homem que diz: “Quando Eva foi tirada da costella de Adão, disse o diabo: - Está bem agora já posso descansar!” As mulheres não sabem perfeitamente senão o que jamais aprenderem.” (*O PORVIR*, 1902, n°1, p. 3). Em linhas gerais, as piadas publicadas se resumiam a reduzir e zombar da capacidade intelectual da mulher.

## **A Mãe, a Esposa e a Patriota: representações da figura feminina nos textos produzidos pelas mulheres**

Na categoria de textos produzidos *pelas* mulheres foram encontrados cinquenta e três conteúdos, a maior parte deles publicado no jornal “*A Jurity*”, publicação escrita por alunas do 2º ano da *Escola Complementar Caetano Campos* em 1904. Destes, trinta e três são crônicas, acontecimentos ou poemas, sem nenhuma representação “generificada” (LOURO, 1997) da mulher. Ainda assim, outros vinte conteúdos fazem referências à figura feminina, alguns da mesma forma estereotipada como os conteúdos *sobre* as mulheres escritos por homens.

Em todos os periódicos analisados percebemos diversas manifestações literárias publicadas, muitas vezes enviadas pelos próprios leitores, sendo praticamente todos de autoria masculina, sendo raras, mas não inexistentes, as crônicas escritas por mulheres, como por exemplo, o conto intitulado “O Engeitado”, escrito por Thereza Abranches (*ESTUDO*, 1921, nº 8-10, p. 33). A crônica narra a história de um menino morador de rua que deslumbrado pelos cartazes e luzes de um teatro entra pelos bastidores do espaço para assistir a peça que logo começaria. No palco, o cenário é um orfanato repleto de crianças abandonadas e, no meio de tantas, uma mulher que no passado havia ali deixado seu filho busca reencontrá-lo. Por fim, já sem esperanças, a mulher faz uma última prece: “Ó Deus! Quem será o engeitado!?”. O menino, ainda escondido nos bastidores, se vê representado e responde: “Sou eu, moça! O engeitado sou eu!”. (*idem*)

O destaque aqui dado está em torno de como a mãe em busca de seu filho é colocada a todo o momento como “desumana” e culpada pelo abandono - não o pai da criança ou outros familiares -, de maneira que seu sofrimento é tido como merecido, desconsiderando as circunstâncias que a levaram a deixar seu filho:

[...] Chegando agora ao outono da vida com suas inúmeras decepções, chorava sinceramente a falta d'aquelle que era seu, exclusivamente seu, e de quem tanto poderia esperar amor. Sabia agora quanto lhe valeria ser mãe; e elle, o pobrezinho nunca soubera o que era ser filho! (*ESTUDO*, 1921, nº 8-10, p. 33).

Assim como nos conteúdos escritos por homens, há nos textos femininos a idealização do casamento e da mulher enquanto esposa. Em “Sonhos Mortos”, (*O ESTIMULO*, 1907, Anno II, nº 10, p. 5), escrito por Beatriz Lacerda, o texto é direcionado à “querida amiga Yayá Ohi” e relata a espera de uma jovem por um suposto pedido de casamento, mas que descobre que seu amado vai se casar com outra mulher, tornando-a “muito retrahida e melancólica”.

Encontramos também a reprodução de um texto escrito pela Rainha Elisabeth da Romania no periódico *O Estudo*, órgão dos corpos docente e discente do Gymnasio Anglo-Latino. Em seu texto, Os mandamentos da esposa, Elisabeth lista em dez tópicos alguns pontos acerca do comportamento e atitude que competem à boa esposa. Dentre eles está a orientação para a esposa não iniciar uma discussão entre o casal mas, se ocorrer, é necessário estar com “a razão” para criar uma boa impressão perante o companheiro; o conselho para que a esposa busque agradar seu esposo através da culinária; e a subordinação para com seu marido em determinados momentos, para que assim ele se sinta superior:

1° - não originarás a primeira disputa, mas se fôr inevitável, lucta com valor. Sahir victoriosa da desavença doméstica pode equivaler a elevar-te na opinião do teu marido no futuro. [...] 4° se crês que teu marido carece de coração, lembra-te de que tem um estomago. Apellando persistentemente para o seu estomago, com manjares bem condimentados, ser-te-ha ao cabo mais facil tocar-lhe no coração. [...] 8° De vez em quando permittirás que teu marido veja que sabe mais alguma coisa que tu, reconhecendo que és completamente infallivel. (*ESTUDO*, nº15-16, p.18)

Outras temáticas que se destacam nos textos produzidos pelas mulheres são patriotismo e o civismo, temas predominantes em grande parte dos artigos publicados nos periódicos analisados - e escritos em sua maioria por homens. No texto de apresentação do jornal *A Jurity*, escrito por Romualda Dina, aluna da escola e redatora chefe do jornal, a autora define como objetivo do jornal “tomar parte no progresso de sua querida pátria” (*A JURITY*, 1904, nº1, p. 01) e clama por: “Novos gritos e saudações patrióticas para o despontar da aurora; para os campos perfumados, para as horas brilhantes do sol! Novas notas melancólicas e doces para o declinar do dia, hora suave do crepúsculo” (idem).

Dois outros textos de autoria feminina e de cunho patriótico foram publicados em *Névoas*, revista literária publicada pelo *Centro Normalista*. O primeiro texto escrito por

Angelina Cocolini (*NÉVOAS*, 1903, nº6, p. 6-7) e o segundo por Julietta Mallet (*idem*, p. 25-26), parabenizam o aniversário da Escola Normal Caetano de Campos: “Surge, enfim, mais uma vez, no bello horizonte da Pátria, o sol que demarca mais um cyclo de glória à instrucção, a Escola Normal.” (*NÉVOAS*, 1903, nº6, p. 6). Ambos os textos agradecem o “[...] benemérito Dr. Prudente de Moraes [...]” (*NÉVOAS*, 1903, nº6, p. 26), responsável pela construção do edifício da Escola Normal na Praça da República, sendo assim considerado uma das grandes personalidades exaltadas nos textos patrióticos “[...] cujos feitos se acham gravados, em caracteres indeléveis, nas anti-fulgentes páginas da História Contemporânea” (*NÉVOAS*, 1903, nº6, p. 26).

Os dois textos escritos por mulheres não se distanciam dos preceitos de civismo e patriotismo que caminhavam relacionados ao ideal liberal que ascendia no início do século XX associado à possibilidade de salvar a nação e progredir através da instrução e do conhecimento:

A Escola é a fonte inexgotavel onde os sedentos do saber procuram saciar-se; é o foco luminoso, cuja luz vivificante esparge raios seintillantes atravez dos cerebros embryonarios das creanças; é, finalmente, o templo sagrado da instrucção, tendo por idolos os livros e por sacerdotes esses inclytos professores que, com suas sabias palavras, nos guiam pelo escabroso caminho da virtude e do saber [...] (*NÉVOAS*, 1903, nº6, p. 6)

O pensamento transposto no texto de Angelina coincide com os ideais e pensamentos vigentes da época, entretanto, diferente dos outros textos analisados, diferencia-se pelo breve posicionamento da autora acerca do acesso da mulher à instrução: “A mulher brasileira precisa illustrar-se; mostrar ao mundo que ella não só dispõe de coração, como também dum cérebro bem desenvolvido” (*NÉVOAS*, 1903, nº6, p. 6). Aqui, podemos levantar a hipótese de que essa breve consideração apresentada no texto está ligada diretamente ao fato da autoria do texto ser de uma mulher estudante e brasileira, mostrando a movimentação feminina em torno das reivindicações pelo direito ao acesso em espaços da esfera pública.

Ainda assim, dentre cerca de mais de duzentos volumes publicados pelos trinta e sete periódicos analisados, encontramos um texto intitulado “Feminismo”, escrito por Augusta Piedade, que expõe e debate a relevância da causa:

No seculo passado, bem como nos anteriores, desde os primitivos tempos, a mulher foi sempre mantida perante a sociedade, em pozição notavelmente inferior á do homem. Em todas as epocas, desde as



mais remotas até a presente, se nós depára um contraste e bem singular. Ao homem, emprestam-se todos os títulos de fortaleza; ao homem rezervaram-se o direito a todas as ações dirigentes e de defesa e o direito a todas as glórias. A mulher cantada em proza e em verso por todos os vates, apenas lhe concederam o título de frajlidade e o direito de sofrer! (IDEA, 1911, Anno II, n° 11, p. 3)

Destinado às mulheres, o texto levanta a problemática da estrutura patriarcal na qual as mulheres de todas as sociedades foram submetidas, e em seguida destaca a luta e as reformas que aconteciam fora do Brasil no contexto em prol dos direitos, da liberdade feminina e do acesso à educação por todas as mulheres. Aponta para as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no Brasil na busca por igualdade e ascensão civil, apesar da promulgação da Primeira República, mas enxerga de forma positiva o futuro:

Para o nosso caso, apesar de modificado o sistema político pelo advento da República a 15 de Novembro de 1889 e de nós encontrarmos em um regime de liberdade e igualdade [...] ainda assim, a posição da mulher na sociedade bem pouco têm conquistado, embora devamos reconhecer que alguma coisa há sido feita para a sua independência, tais os ferrenhos costumes herdados de nossos maiores e os preconceitos que ainda perduram. O Brasil caminha francamente para uma melhoria que podemos denominar de completa regeneração, e fortalece-se o espírito e a esperança de que, dentro em poucos anos, a mulher brasileira verá cair também para si o momento de redenção. (IDEA, 1911, Anno II, n°, p. 4-5)

Por fim, a autora instiga as leitoras a pensarem as questões que lhes distanciam do acesso ao conhecimento escolar e aos cargos públicos.

[...] é bem frisante, que a mulher, quanto o homem, pelo seu critério e inteligência, pela força de vontade e aplicação bem como pela energia na ação é capaz para o profícuo desempenho de todos os cargos públicos, de todas as funções ainda as mais delicadas e de todas as ações mesmo as mais atrás e arrojadas, pertinentes à vida social, é a mulher, quanto o homem, capaz de aperfeiçoar-se no conhecimento de todos os ramos da ciência humana, é finalmente, quanto o homem, suscetível de contribuir para a conquista de maior soma de direitos e de garantias no interesse comum. [...] Se a mulher é, quanto o homem, capaz de aperfeiçoar-se em todos os conhecimentos [...] porque – consistam-me nessa interrogativa – manter a mulher neste grau de inferioridade ao homem na vida social? (*idem*)

Em seguida, a autora convida todas a se juntarem à luta pela conquista de sua “independência social”, além de citar e parabenizar algumas ex-alunas por suas conquistas no acesso ao conhecimento:

Isto posto, façamos um apelo ás nossas patrícias [...] se preparem para a grande luta, em defesa do seu próprio direito na conquista de sua independência social [...] Chamemos sua atenção para as nossas jovens co-estaduanas [...] as quaes, após terem palmilhado com graça inegalavel os verdejantes e mimozos vales das ciências e letras, sorridentes, animadas, fortalecidas, ergueram o vôo até a serena região do Direito, perlustraram os bancos academicos e fizeram com notável destaque o curso das ciências sociaes e jurídicas, habilitando-se com isto, para as mais árduas e elevadas funções. (*ibidem*, p. 5)

Os textos escritos “por elas” durante o início do século XX abordavam temas que ora reproduziam a representação social vigente da mulher relacionada à maternidade e ao casamento, ora teciam comentários sobre acontecimentos sociais, temas políticos relacionados ao patriotismo e civismo e até panfletos mais críticos sobre a situação subalterna das mulheres e o feminismo. Pode-se inferir que existia uma consciência nascente sobre papel e representação social das mulheres nas páginas das revistas, que não pode ser desconsiderado na problematização da produção historiográfica educacional, tampouco da história das mulheres brasileiras.

## **Dicas de beleza e culinária da “Vovozinha” nos textos produzidos para as mulheres**

No decorrer dos estudos da primeira Iniciação Científica em que analisamos periódicos com um recorte temporal maior, encontramos nas publicações do Boletim da Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie (1934 – 1943), a partir do 13º número, uma seção dedicada às leitoras do periódico, denominada “Página Feminina”. Apesar do foco deste trabalho ser destinado ao contexto da Primeira República, consideramos fundamental apresentar os resultados deste Boletim, tendo em vista que o início das publicações se deu no mesmo período da Constituição de 1934, que materializou importantes transformações e reformas em todas as esferas públicas, incluindo normas estabelecidas para o Plano Nacional de Educação acerca de planos para a ampliação do secundário e superior.

Nesta seção sempre havia no início um espaço reservado para textos, crônicas e poesias; uma coluna com “conselhos da vovozinha”, com dicas de beleza, comportamento e cuidados com a família; e um espaço para os “pratos que simplificam a tarefa da dona de casa”. Já, a parte reservada para textos literários tratava principalmente sobre crônicas cotidianas, sentimentos, relacionamentos amorosos, e alguns textos variados. No geral, a grande maioria dos textos analisados enaltecia de alguma forma características tidas como típicas e ideais para os gêneros.

Por exemplo, há duas crônicas nas publicações do Boletim da Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie que tratam, em diferentes enredos, de duas jovens moças consideradas muito bonitas. O primeiro texto, A colega loura (BAAAM, nº14, p. 12-13), fala da paixão vivenciada pelo narrador por Margarida, sua nova colega de classe “loura e franzina”. Ao longo do texto, o autor enfatiza diversas vezes a beleza de Margarida e sua intensa paixão pela moça, idealizando-a no imaginário do leitor como um ser angelical, de beleza única e apaixonante. Por fim, essa paixão atrapalha os estudos do rapaz que, por sua vez, é mandado pelo pai para um internato a fim de vê-lo focado nos estudos. Anos depois, ao voltar para sua cidade, descobre que seu grande amor havia se tornado freira e lamenta a “perda”.

Na segunda crônica a ênfase é dada à Florice, “linda florzinha, cuja alma graciosa e alegre era o enlevo de todos os corações jovens daquela sociedade” (BAAAM, n°15, p. 20), que havia deixado de lado inúmeros pretendentes na espera do sonhado amor e que, por isso, com o passar dos anos “despida de sua graça”, lamentava não poder voltar à graça de outrora e por isso estar fadada à solidão.

Em seguida, eram dadas as “dicas da vovozinha”, que por vezes apareciam como “segredos de beleza” ou sem nomeação, mas sempre com orientações de beleza, moda e cuidados com a família. A coluna se apresenta em sua primeira edição da seguinte maneira:

Minhas netinhas, não se esqueçam de que: Somente vocês e ninguém mais, são responsáveis pelo modo pelo qual vocês se apresentam. Se vocês tem alguns kilos de mais é porque não queimam todas as calorias que ingerem. O remédio deve ser consumi-las por meio de exercícios. Se vocês não fizerem isso irão aumentando de peso até perder a saúde e a elegância. Também quando a “maquillage” somente a minúcia e o esforço farão com que vocês a consigam perfeita. Não adianta vocês comprarem os melhores preparados, uma vez que não estudam como aplicá-los e adaptá-los ao seu tipo. Dando atenção à sua pessoa, esforçando-se por melhorar, acabarão conseguindo resultados surpreendentes. (BAAAM, n° 13, p. 14)

São dadas inúmeras dicas de beleza, sempre acompanhados de uma crítica ou da importância para tal cuidado, como tratamentos para deixar as unhas crescerem, tratamentos para a pele, segredos para “manter o glamour durante um resfriado”, técnicas para remoção de sardas e rugas, cuidados com o peso, entre várias outras. Pois afinal, segundo a revista, “a mulher que não se preocupa com a sua própria beleza é tão rara que sem medo de errar poderei dizer: não existe” (BAAAM, n° 15, p. 21)

Os conselhos se estendem à dicas de comportamento e aos cuidados com o lar e família. Um deles aconselha as mulheres para “quando se planeja a conquista do sexo oposto” (BAAAM, n°16, pp. 12), dando ênfase, por sua vez, à importância em se manter uma boa relação com as mulheres ao redor para que assim não fosse alvo de cobiça ou vingança. Já em outros, a dica dada é para como aproveitar o período de férias para estar mais próxima dos filhos, se atendo ainda mais não somente aos momentos de afeto, mas também os de correção de “defeitos”: “Corrija os defeitos dos seus filhos, corrija-lhes a timidez. [...] Aproveite as férias para corrigir-lhes uma

fraqueza da coluna vertebral, fraquezas musculares que os fazem manter-se mal, andar mal, etc.” (BAAAM, n°18, p. 28)

Considerando “tantas e tão boas ocasiões de distrações e meios de passar hora agradáveis”, a seção considera “uma injustiça que uma mulher tenha que ficar horas preparando o jantar” (BAAAM, n°13, p. 13), por isso dedica à seção um espaço destinado à receitas de cozinha possam facilitar a árdua tarefa das mulheres pelos cuidados com a alimentação da família, trazendo receitas que poderiam ser reaproveitadas algumas vezes, mas que não poderiam ser da mesma maneira para não ficar “pouco estimulante para o paladar da família.” (idem).

Além disso, nas próprias receitas de cozinha compartilhadas era dedicado um espaço para, mais uma vez, expor gostos tidos como típicos para cada gênero. Por exemplo, antes de instruir o preparo de um pudim de galinha, ressaltam que o prato é bom para ambos, pois “os homens em geral preferem pratos fortes e as senhoras iguarias delicadas e originais. Esta receita satisfaz a todos”. (BAAAM, n°19, p. 26)

Na categoria dos textos escritos “para elas”, a predominância dos assuntos reside em criar uma imagem de um ideal de mulher que deva ser seguido de acordo com os comportamentos estabelecidos nos textos e que, conseqüentemente, influenciavam a sociedade. Neste “ideário feminino” constavam características típicas que submetiam às mulheres aspectos de fragilidade, maternidade e etiqueta, mais uma vez, condicionando comportamentos e “modos corretos” de agir.

## Considerações finais

Ao mesmo tempo em que os grêmios e órgãos estudantis eram incorporados ao discurso de consolidação de espaços democráticos, foram também palco de reproduções de valores e identidades ditas masculinas e/ou femininas, como observamos na “Página Feminina” (*BAEAM*, 1940, n° 13-19) e nos poemas românticos (*ESTUDO*, 1921, n°4). Mesmo com a maior visibilidade pública das mulheres após a Proclamação da República, especialmente, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho como professoras primárias e nas escolas de massa como estudantes, elas permaneceram assumindo espaços subordinados e tendo ainda como prioridade seu papel nos cuidados com a família e o lar (ARAÚJO, 1998).

As organizações estudantis não estavam aquém destas condições, por exemplo, os cargos - quando - ocupados por mulheres nestas organizações eram enquanto adjuntas. A participação como autoras e/ou organizadoras nos periódicos analisados era mínima, sendo raras as publicações de autoria feminina, como encontramos no jornal *A Jurity* (1904) e no periódico *O Estudo* (1921). Neste sentido, apesar dos periódicos serem os principais meios de divulgação das pautas acadêmicas, a participação das mulheres ainda era minoritária, elas ocupavam cargos secundários e o número de mulheres participantes era expressivamente menor do que o de homens. Compreende-se o masculino como sinônimo de “razão”, de consciência e, com isso, apto a possuir um espaço de maior prestígio na vida pública, enquanto que, por outro lado, ao feminino era dada ênfase aos “sentimentos”, aos impulsos e aos “pecados”, estabelecendo assim, um lugar social afastado do conhecimento e do saber.

Os periódicos produzidos no contexto considerado para estudo não eram predominantemente elaborados “por elas”, mas, sim, “para elas” e “sobre elas”, de modo que os autores dos textos atuavam como “conselheiros” dos modos de agir e pensar sobre as mulheres, e ainda, indicavam quais eram os “comportamentos adequados” para uma mulher. Os textos escritos “por elas” durante o início do século XX abordavam temas como o patriotismo e o civismo e, não necessariamente, sobre

as mulheres, como o exemplo do periódico A Jurity onde a autora diz que seu propósito é “tomar parte no progresso de sua querida pátria” (JURITY, 1904, p. 1).

Na categoria dos textos escritos “para elas”, a predominância dos assuntos reside em criar uma imagem de um ideal de mulher que deva ser seguido de acordo com os comportamentos estabelecidos nos textos e que, conseqüentemente, influenciavam a sociedade. Neste “ideário feminino” constavam características típicas que submetiam às mulheres aspectos de fragilidade, maternidade e etiqueta, mais uma vez, condicionando comportamentos e “modos corretos” de agir.

Na última categoria, por sua vez, os textos escritos “sobre elas”, ainda de autoria em maior parte masculina, narravam crônicas e faziam piadas a respeito de comportamentos que fugissem dos padrões descritos na categoria “para elas”, ou seja, as mulheres que diferissem daquele modelo ideal e não se “ajustassem” eram motivos de chacota e de inferiorização perante a sociedade, o que em última análise, continua presente até os dias atuais.

Esse processo de diferenciação social a partir dos gêneros é o que Louro (1997) denomina como “processo generificado”. Neste sentido, tanto os periódicos estudantis quanto o contexto social contribuíram para a criação da imagem de um sexo feminino entendido como “sexo frágil” e “perfeito para cuidar do lar” e dos filhos. As representações de gêneros presentes nos textos e artigos perpassavam o campo literário e emergiam nos costumes sociais, afetando diretamente o modo como às mulheres eram vistas e tratadas perante a sociedade.

Destacou-se ainda a diferença entre as representações que as mulheres faziam de si e as que elaboravam para elas, por exemplo, nas crônicas românticas publicadas nas seções femininas (e escritas em sua maioria por homens) a figura da mulher é sempre representada como amável, bela e vaidosa, que sempre é agraciada por todos e vive na espera de encontrar o rapaz ideal para casar e constituir uma família. Como exemplo, retomamos a crônica “Florice” que representa esse sentimento criado em torno da necessidade atribuída às jovens para que casem, tenham filhos, para que por fim não percam toda graça e morram lamentando sua solidão, como o estigma “ficar para titia” perpetuado até hoje.

Já nas crônicas não destinadas diretamente às mulheres, a representação é outra. As mulheres não são amáveis, belas e vaidosas, mas sim fofoqueiras, preguiçosas e ingratas. No periódico América temos um relato louvável de um rapaz que possui várias namoradas, enquanto em O Aspirante, uma jovem não aceitar a declaração de um desconhecido é considerado ingratidão.

Os jornais estudantis veiculados entre os séculos XIX e XX representavam um poderoso meio de comunicação social entre os jovens e, através destes jornais, é possível compreender os valores e costumes que cerceavam não somente as relações dos jovens, mas aqueles envolvidos nos processos de “generificação” que aconteciam nas instituições estudantis.

Desse modo, os grêmios e associações como espaços destinados a elaboração da cidadania apresentam-se inicialmente como sendo mais um instrumento de normatização dos ideais de mulher, casamento e família que predominavam na sociedade da virada do século XIX e início do século XX.

Tendo em vista a dimensão dos periódicos encontrados e das informações históricas relacionadas aos estudos sobre gênero e educação no contexto das organizações estudantis no Estado de São Paulo no âmbito do início do século XX, indicamos uma potencial continuidade da pesquisa a partir de uma análise aprofundada acerca da construção do papel do homem no contexto.



## REFERÊNCIAS

### Fontes primárias:

**ACADEMICO, O.** (1901-1904). Orgam Scientifico e Litterario dos alunos da Faculdade de Direito de São Paulo. N° 3-4. São Paulo.

**ALVORADA, A.** (1909). Orgam do gremio literário “Sílvio de Almeida”. N° 1. São Paulo.

**ASPIRANTE, O.** (1889). Folha imparcial, literária e noticiosa do orgam dos alumnos do externato Santo Antonio. N° 11. [Versão eletrônica]. São Paulo.

**AURORA, A.** (1903). Orgam de alumnos do Instituto Silvio Almeida. N° 2. São Paulo.

**BEIJA-FLOR, O.** (1899). Orgam da Escola Modelo Prudente de Moraes. N° 4. São Paulo.

**Boletim da Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie (BAAAM).** (1934-1943). N° 1-16 e 18. São Paulo.

**CONDOR, O** (1903). Publicação produzida pelo Gymnasio Diocesano. São Paulo

**ESTIMULO, O** (1914). Revista do Grêmio Normalista 2 de Agosto. São Paulo.

**ESTUDO, O.** (1921-1933). Revista do órgão dos corpos docente e discente do Gymnasio Anglo-Latino (antiga Escola Guerreiro). N° 1-22. São Paulo.

**IDEA, A** (1910). Órgão humorístico, literário e noticioso dos almnos do Gymnasio Macedo. São Paulo

**JURITY, A.** (1904). Publicação das alunas do 2º ano da Escola Complementar Caetano Campos. N° 1 e 2. [Versão eletrônica]. São Paulo.

**LIBERTAS.** (1902). Instituto de Sciencias e Letras do Gymnasio de S. Paulo. N° 1. São Paulo.

**NÉVOAS.** (1903). Revista literária publicada pelo centro normalista. N°6. São Paulo.

**ONZE DE AGOSTO.** (1903 – 1914). Orgão do Centro Acadêmico 11 de Agosto. São Paulo.

**PORVIR, O.** (1902). Orgam dos alumnos externos do Instituto de Sciencias e Letras. N° 1 e 14. São Paulo.

## **Livros e artigos:**

ARAÚJO, Helena Costa. (1998). **Em torno da cidadania e do gênero - a produção de discursos de educadores/as e mudança cultural: razões para um otimismo?**. In: SOUZA, C. P. de; CATANI, D. B. (orgs.) *Práticas Educativas, Culturas Escolares e Profissão Docente* São Paulo: Escrituras, 1998, p. 41-50.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017. Tradução Maria Helena Kuhner.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Gênero, educação e ciência. In: MACHADO, Chaliton José dos Santos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima e NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.) **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 231-.244.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A Escola e A República** e outros ensaios. 1. ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. v. 1. 356p.

CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara. **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo. Escrituras, 1997.

\_\_\_\_\_; SOUSA, Cynthia Pereira de. (orgs.). **Imprensa Periódica Educacional Paulista (1890-1996)**. São Paulo: Plêiade, 1999.

CHARTIER, R., 1990. **A História Cultural. Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel.

CHÂTEAU, J. **Os grandes pedagogistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CRUZ; HELOISA, F. C. (Org.) . **São Paulo Em Revista: Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana -1870/1930**. São Paulo: Arquivo do Estado/CEDIC/PUC/Imprensa Oficial, 1997.

FILHO, C. A. P. G. **Escola de Primeiras Letras: o ensino público primário em Pernambuco durante a segunda metade do século XIX**. Tese de Doutorado. Pernambuco: UFPE, 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, R. **Da chibata ao magistério: a trajetória da educação feminina no Brasil patriarcal**. São Paulo: Ática, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Magistério: identidade, história, representação. In: Catani, D; Bueno, B. O; Sousa, C. P de e Souza, M.C.C.C. **Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Editora Escrituras, 1997, p. 7 -84.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MACIEL, Laura Antunes. **Produzindo notícias e histórias**: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FRAGA, Andréa S. Imprensa estudantil e práticas de escrita e de leitura: a revista "O Estudo". Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2012, p. 21

PERRENOUD, P. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto, Porto Editora, 1995.

RABELO, J. O.; COSTA, M. O.; MARTINS, B. T.. **A Educação Feminina no Brasil em meados do século XIX e início do século XX**. ANAIS ON LINE ENFOPE 2015, 2015, 1-16.

SCHUELER, A. F. M.; Magaldi, Ana Maria. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo. Revista do Departamento de História da UFF**, v. 26, 2009, p. 32-55.

TRINDADE, S. A.; MENEZES, I. R. A educação na modernidade e a modernização da escola no Brasil do final do século XIX e início do século XX. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 36, 2009, p. 124-135.

ZICHIA, Andrea de Carvalho. **O direito à educação no Período Imperial**: um estudo de suas origens no Brasil. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008.